

---

# Adaptação transcultural do self reported activity settings (SEAS) para o Brasil

Cross-cultural adaptation of self reported activity settings (SEAS) for Brazil

CAROLINE FERNANDA BELLA PERUZZO\*

CLAUDIA MARIA SIMÕES MARTINEZ\*\*

LUZIA IARA PFEIFER\*\*\*

---

## Resumo

*O Self-reported Experiences of Activity Settings (SEAS) é uma medida de autorrelato para compreender situações vivenciadas por crianças e jovens com e sem deficiência em contextos recreativos e de lazer. **Objetivo:** Realizar a adaptação transcultural do SEAS para a população brasileira. **Método:** Estudo metodológico de adaptação transcultural, sendo realizadas as seguintes etapas: Preparação, Tradução Inicial, Síntese da Tradução, Retrotradução, Comitê de especialistas, Desdobramento cognitivo, submissão e aprovação pelos autores. **Resultados:** Houve consenso nas áreas: semântica, idiomática, experimental e conceitual.*

---

\* Terapeuta Ocupacional, Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar.

\*\* Terapeuta Ocupacional, Mestre em Educação Especial, Doutora em Educação em Metodologia do Ensino pela UFSCar. Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo. Professora Titular Sênior da Universidade Federal de São Carlos.

\*\*\* Terapeuta Ocupacional, Mestre em Educação Especial, Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Adjunto A da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professora Sênior do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da USP na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Pós-Doutorado pela Deakin University, Geelong - Austrália (2010), e Livre Docência pela FMRP-USP (2015)

Quanto ao desdobramento cognitivo, 76,2% dos participantes (21 jovens, com e sem deficiências) compreenderam muito bem as questões e 80,9% julgaram o tamanho do instrumento adequado, revelando boa aceitação. A versão final foi enviada e aprovada pelos autores do instrumento.

**Conclusão:** A versão adaptada transculturalmente para crianças e jovens brasileiros manteve equivalência com a versão original, demonstrando estar adequada para análises psicométricas, para ser validada para o Brasil.

**Palavras-chave:** self-reported experiences of activity settings; adaptação transcultural; jovens; lazer.

---

# I Introdução

A necessidade de engajar-se na ocupação com propósito é inata e relacionada à saúde e sobrevivência (WILCOCK, 1993). O engajamento constitui-se como um estado multifacetado que inclui aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais (KING *et al.*, 2014), e envolve o processo (envolvimento com) e o estado (envolvido em) (BRIGHT *et al.*, 2015). Terapeutas ocupacionais demonstram interesse em entender a natureza, intensidade e significado do engajamento das pessoas (POLATAJKO, 2007).

O engajamento ocupacional corresponde a um construto central na terapia ocupacional (KENNEDY; DAVIS, 2017), e se refere ao desempenho de ocupações escolhidas pelo sujeito e que são significativas para ele, envolvendo aspectos objetivos e subjetivos das experiências prévias, da motivação e da interação transaccional da mente, corpo e espírito (AOTA, 2014). Desta forma, não envolve somente o desempenho de uma ocupação em si, mas o que determinada experiência acarreta, sendo essa subjetiva para a pessoa (KIELHOFNER, 2002).

O desenvolvimento saudável é constituído por ambientes de atividades, que correspondem aos ambientes da vida cotidiana, nos quais as pessoas aprendem, trabalham, brincam e amam

(BATOROWICZ *et al.* , 2016). O conceito de “ambiente de atividades” considera que a “atividade” acontece no contexto de um “ambiente” social e físico os quais devem ser considerados em conjunto (KING; RIGBY; BATOROWICZ , 2013). O Modelo de ambiente social e contexto social (*Model of social environment and social context*) integra as perspectivas focadas no indivíduo e no ambiente e descreve os mecanismos da interação recíproca contínua entre crianças e jovens e seus ambientes sociais (provisão de oportunidades, recursos e apoios e processos contextuais de escolha, engajamento ativo e colaboração) (BATOROWICZ *et al.*, 2016). Este modelo propicia que os pesquisadores e profissionais direcionem suas intervenções com foco na interação entre os indivíduos e seus ambientes sociais (famílias, grupos de pares e comunidades) e, desta forma cria possibilidades para o desenvolvimento saudável de crianças e jovens e a criação de ambientes promotores de saúde (BATOROWICZ *et al.*, 2016).

O “ambiente de atividades” corresponde a um construto útil para o campo da reabilitação pediátrica, por auxiliar na compreensão de experiências de participação e aumentar o engajamento na atividade, como também identificar tipos particulares de experiências que promovam o crescimento. Os ambientes de atividades para crianças e jovens correspondem aos lugares onde eles "fazem coisas", podendo ser as atividades ativas (fazer obras de arte, visitar pessoas, participar de atividades físicas e tarefas domésticas) e atividades passivas (ler e assistir televisão) (KING; RIGBY; BATOROWICZ , 2013).

A literatura aponta para a necessidade de medidas que forneçam compreensão dos aspectos subjetivos da participação, incluindo a noção de engajamento significativo, visto que as medidas de autorrelato existentes não capturam as experiências de jovens com deficiências graves e as experiências em ambientes de atividade de recreação e lazer (KING; RIGBY; BATOROWICZ , 2013). Para Kulis, Batorowicz e Chrabota (2020) é necessário o uso de ferramentas

para atividades de lazer que permitam a crianças e jovens, com vários graus de deficiência, expressarem suas próprias opiniões.

### **1.1 Revisão da literatura**

Com base nos conceitos de ambiente de atividades, ambientes sociais/físicos e na referida necessidade de produzir uma ferramenta, King e colaboradores (2014) desenvolveram o *Self-reported Experiences of Activity Settings* (SEAS), uma medida de autorrelato utilizada para compreender situações vivenciadas por jovens com e sem deficiência em contextos recreativos e de lazer. A medida pode ser completada por jovens, que utilizam métodos típicos de comunicação, assistidos por prestadores de cuidados e serviços a fim de auxiliar nas respostas. É uma ferramenta inclusiva para a população infanto-juvenil, podendo ser usada também com a intenção de comparar suas experiências em atividades (KING *et al.*, 2014). O SEAS inclui jovens com deficiências graves, e é um ponto importante levando em consideração que essa população geralmente é excluída dos estudos de investigação, por não existir ferramentas para mensurar suas experiências nas atividades (KING *et al.*, 2014; BATOROWICZ *et al.*, 2017).

King *et al.* (2014c) descreveram settings de atividades de lazer de jovens com deficiências graves, as qualidades ambientais e as experiências destes jovens. Participaram do estudo 26 jovens de ambos os sexos, com deficiência física, e idade entre 12 e 22 anos. Destes, 15 faziam uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) e 11 jovens apresentam necessidades complexas de cuidados continuados (CCC) em 54 ambientes de atividades de lazer de sua própria escolha. Após a participação nas atividades de lazer, eles preencheram SEAS e observadores treinados preencheram o *Measure of Environmental Qualities of Activity Settings* (MEQAS) (KING *et al.*, 2014c). Os settings de atividades, selecionados pelos próprios jovens, forneceram oportunidades relativamente altas de escolha, interação com adultos e atividades sociais. Ademais, os

jovens experimentaram níveis relativamente altos de engajamento psicológico, pertencimento social e controle e escolha. Os *settings* das atividades forneceram aos jovens, oportunidades de competência, relacionamento e envolvimento. Foram encontradas diferenças significativas nas experiências dos dois grupos de jovens relativos às definições das atividades escolhidas, o grupo de CAA participou de atividades que proporcionou oportunidades significativamente maiores de interação com adultos e o grupo CCC participou mais de atividades físicas, no qual embora estivessem sozinhos estavam em meios que proporcionavam oportunidades de interação com pessoas no mesmo meio da comunidade (KING *et al.*, 2014c).

Em um estudo mais recente de Macintosh *et al.* (2020), foi realizada uma intervenção de videogame aprimorada por *biofeedback* por meio de um estudo randomizado, não cego de linha de base múltipla em que participaram 19 jovens com paralisia cerebral, com idade entre 8 a 18 anos. Um conjunto de critérios foram aplicados para recrutamento, adesão e viabilidade científica. Para medidas de Atividades e Participação foram utilizadas a Avaliação de Assistência da Mão (AHA), Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM) e Experiências Autorrelatadas de *Settings* de Atividades (SEAS). Esta última, para aferir a percepção dos jovens sobre experiências de participação significativa (MACINTOSH *et al.*, 2020). Os resultados clínicos da intervenção foram promissores, apresentando efeitos moderados nas medidas de função corporal e efeitos de pequenos a moderados nas medidas de atividades e participação. O questionário SEAS mostrou que a experiência dos participantes foi consistente durante quatro semanas e corresponde às observações durante as conversas semanais de *check-in*. Somente em cinco participantes que experimentaram um efeito de novidade, foi observada uma diminuição na pontuação da subescala Engajamento Psicológico (MACINTOSH *et al.*, 2020).

Kulis, Batorowicz e Chrabota (2020), realizou a validação do

SEAS para a população polonesa. A pesquisa foi conduzida com um grupo de 153 pessoas com idade entre 10 e 22 anos, demonstrou alto grau de compreensão do instrumento na versão polonesa. O coeficiente alfa de Cronbach para todo o questionário foi de 0,953. As taxas de conformidade interna alfa de Cronbach para grupos de perguntas na versão polonesa foram maiores ou iguais a 0,70 e semelhantes aos valores obtidos para este fator na versão em inglês do questionário. O questionário da versão polonesa do SEAS atendeu a todos os critérios de validação (KULIS; BATOROWICZ; CHRABOTA, 2020).

Kulis (2020) destaca que por meio do questionário SEAS, crianças e jovens/adolescentes avaliam seus próprios sentimentos e experiências após a conclusão de determinada atividade. A terapia ocupacional na Polônia vem se desenvolvendo em nível acadêmico há vários anos e existem escassez de ferramentas que possam ser utilizadas pelos alunos, futuros terapeutas, no trabalho com crianças e jovens. Há uma grande necessidade de validar as ferramentas usadas por terapeutas ocupacionais em todo o mundo e adaptá-las à língua e cultura polonesa (KULIS; BATOROWICZ; CHRABOTA, 2020).

O uso de avaliações padronizadas não adaptadas transculturalmente ao país em que serão utilizadas pode ter um impacto negativo em pesquisas e/ou como medidas de desfecho (REICHENHEIM; MORAES, 2007).

Diante dos resultados promissores advindos do uso do SEAS, conforme relatados nos estudos (KING *et al.*, 2014a; KING *et al.*, 2014b; KING *et al.*, 2014c; BATOROWICZ, 2017; KULIS; BATOROWICZ; CHRABOTA, 2020), dos bons resultados psicométricos e da importância de se contar com instrumento traduzidos e validados transculturalmente no Brasil, o presente estudo tem por objetivo apresentar o processo de Adaptação transcultural do instrumento *Self-reported Experiences of Activity Settings* (SEAS) para a utilização junto a jovens brasileiros.

## 2 Método

Trata-se de uma pesquisa metodológica, transversal, não experimental, de análise quantitativa a qual seguiu todos os critérios éticos de pesquisas com seres humanos (aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa parecer nº 4.335.855). Os pais/responsáveis pelos jovens<sup>1</sup> foram informados sobre a pesquisa e consentiram assinando o termo de Consentimento Livre Esclarecido ou o termo de Assentimento Livre Esclarecido.

A adaptação transcultural do SEAS ocorreu de acordo com as diretrizes propostas por Beaton *et al.* (2000; 2007) e Wild *et al.* (2005) e foi realizada em sete etapas, descritas a seguir:

- (1) Preparação. Foi enviado um pedido para os autores do instrumento original (KING, G; BATOROWICZ, B; RIGBY, P; MARGOT, MCMAN-KLEIN ; TOMPSON, L; PINTO, M), via correio eletrônico solicitando a autorização para realizar o processo de tradução e adaptação transcultural do instrumento para a população brasileira.
- (2) Tradução Inicial. Dois tradutores ambos fluentes no inglês traduziram, de modo independente, o instrumento da língua original para o português. Um dos tradutores estava ciente dos conceitos tratados pelo instrumento e tinha conhecimento na área (terapeuta ocupacional). Assim, forneceu equivalência a partir da perspectiva clínica e dos termos específicos da área. O outro tradutor não estava ciente dos conceitos tratados pelo instrumento, não recebeu nenhuma informação e não era do campo da saúde (professor de inglês). A partir do trabalho realizado pelos dois tradutores, foram produzidas as versões T1 e T2.
- (3) Síntese da Tradução. Nessa etapa foi realizada a síntese das traduções (T1 e T2). Um comitê técnico, formado pelas primeira e segunda autoras deste artigo, compararam as

<sup>1</sup> O termo jovem aqui empregado inclui os participantes do sexo feminino e masculino, que se encontram entre a adolescência até a juventude, compreendidos na faixa entre 14 a 17 anos.

duas versões sendo que as dúvidas foram sanadas a partir de consenso junto com os dois tradutores gerando a versão consensual em português denominada T-1-2.

- (4) Retrotradução. A partir da versão (T-1-2), sem o contato prévio com a versão original do instrumento em inglês, dois outros tradutores realizaram as retrotraduções (R) de modo independente, um deles tendo como língua materna o inglês e domínio na língua portuguesa e o outro com fluência no inglês, sendo assim gerados a RT1 e RT2. Em seguida, as duas primeiras autoras deste artigo, analisaram as versões retrotraduzidas identificando as discrepâncias e, a partir de um consenso junto aos tradutores, foi produzida a versão consensual RT-1-2. Esta versão, juntamente com a T-1-2, foram enviadas para análise dos autores do SEAS original para análise e após as sugestões o comitê técnico realizou as adequações solicitadas, produzindo a versão traduzida pré-final 1 (VTPF1) e a versão retrotraduzida pré-final1 (VRTPF1), as quais foram encaminhadas ao comitê de especialistas.
- (5) Comitê de especialistas. Composto por 10 especialistas (5 terapeutas ocupacionais, 2 psicólogos, 1 professor de línguas, 1 pedagogo e 1 fonoaudiólogo/pedagogo) que realizaram, de modo independente, a análise semântica, idiomática, experimental e conceitual. Foram encaminhadas para cada especialista, via correio eletrônico, as versões VTPF1 e VRTPF1 organizadas na forma de um *checklist* contendo as opções “de acordo” e “não está de acordo”. Após o *feedback* dos especialistas, os dados foram plotados em tabela do *Microsoft Excel*® para verificação do número de concordância e discordância entre as respostas. Após a obtenção de concordância superior a 80% em cada um dos itens, chegou-se à versão preliminar (SEAS-preliminar), a qual seguiu para o processo de desdobramento cognitivo.
- (6) Desdobramento cognitivo. Participaram desta etapa 21 jo-

vens com desenvolvimento típico ou com alguma deficiência física, com idade entre 14 a 17 anos, cujos pais ou responsáveis consentiram a participação dos mesmos através do termo de consentimento livre e esclarecido e em seguida os jovens assentiram por meio do termo de assentimento livre e esclarecido. A versão preliminar (SEAS-preliminar) foi testada junto a 12 jovens típicos e 9 com deficiência física, a partir de uma atividade de lazer escolhida por eles. A duração de cada uma das atividades, escolhida individualmente, teve a duração mínima de 15 minutos através de uma chamada de vídeo pelo *Google meet* com a pesquisadora. Por fim, foi aplicado um questionário para captar a opinião dos participantes a respeito do instrumento de avaliação – Experiências Autorrelatadas de Ambientes de atividade (SEAS-BR).

Todo contato foi estabelecido via remota e as entrevistas aconteceram através do Google Meet ou WhatsApp, em função da necessidade de distanciamento social decorrente das medidas contra o Covid -19, uma pandemia. Foi solicitado para que os participantes escolhessem três atividades de lazer de sua preferência e após a listagem das mesmas que escolhessem uma delas para fazer durante a chamada de vídeo com a pesquisadora. Após isso, foi lido o questionário e respondido pelos participantes e, por fim, eram questionados sobre o grau de compreensão das questões. Os adolescentes e seus responsáveis consentiram a participação através do Termos de Assentimento e o Termo Livre e Esclarecido para os responsáveis.

As perguntas do questionário tinham como objetivo identificar a compreensão dos jovens quanto aos itens do instrumento (Pergunta: “De forma geral, referente à **compreensão das frases do instrumento**, como você avalia?” – e precisavam responder se a compreensão foi ótima, boa, regular, ruim ou péssima) – “Alguma palavra do instrumento

foi difícil de compreensão? Você trocaria por outra palavra?” e o jovem poderia responder de forma dissertativa), o **tamanho do instrumento** (Pergunta: “Referente ao tamanho do instrumento (quantidade de perguntas), como você avalia?” e precisavam responder se tinha um bom tamanho, se era curto, longo ou muito longo), **auxílio/ajuda que necessitaram para preencher as questões** (Pergunta “Referente ao auxílio/ajuda que você necessitou, como você avalia?” e precisavam responder entre “fácil, entendi todas as questões sem auxílio, “mais ou menos, necessitei de auxílio da pesquisadora e/ou familiar em alguns momentos” ou “difícil, necessitei de auxílio da pesquisadora e/ou familiar durante todo tempo”) , e por fim, se tinham alguma **sugestão para melhoria do instrumento** (Pergunta: “Você teria alguma sugestão para apresentar para melhoria do instrumento” e podiam responder de forma dissertativa) .

- (7) Submissão e aprovação aos autores originais do instrumento. A versão final (SEAS-Br) foi enviada aos autores. Essa versão comportou todos os ajustes realizados ao longo do processo de adaptação transcultural e assim, foi finalizado o processo de adaptação transcultural.

---

## 3 Resultados

Os autores do instrumento, responderam, via correio eletrônico, favoravelmente ao pedido de autorização para tradução do *Self-reported Experiences of Activity Settings* (SEAS) e foi estabelecida uma licença de uso apenas e exclusivamente para uso nesta pesquisa pelo Holland Bloorview kids Rehabilitation Hospital.

De posse das duas versões traduzidas para o português, o comitê técnico analisou as versões, e identificou discrepâncias em 23 itens. O comitê técnico elaborou propostas de apresentação dos itens discrepantes (optando por uma das traduções, mesclando as traduções ou complementando ou adequando as traduções apresentadas) e enviou aos tradutores para obtenção da concordância. Assim, foi elaborada a síntese das versões, a partir da concordância entre as duas versões em português.

Desse processo resultou a versão consensual em português (T-1-2), a qual foi encaminhada a dois retros tradutores independentes (um nativo da língua inglesa com uma tradutora oficial) e uma pessoa com fluência importante no idioma, sendo então elaboradas as Versões Retro traduzidas 1 e 2.

O comitê técnico se reuniu novamente e analisou as versões RT1 e RT2, identificaram as discrepâncias e enviaram para os retros tradutores a fim de chegar a um consenso. Foram identificadas 35 discrepâncias (35,35 %) de 101 itens, desses dezesseis itens obtiveram concordância entre os dois retro tradutores; e os outros 19 itens necessitou ser analisado pelas coordenadoras e chegar a uma conclusão final. Por fim resultou na versão consensual retro traduzida (RT-1-2).

Após isso, as versões T-1-2 e RT-1-2, juntamente com uma carta explicando as etapas realizadas da pesquisa foram enviadas aos autores do instrumento SEAS, via correio eletrônico, solicitando a avaliação das versões produzidas para manutenção da coerência com a versão original. Dos 101 enunciados discriminados nos processos de tradução e retro tradução, os autores sinalizaram a necessidades de adequação em apenas seis itens (6,06%) e consideraram os demais enunciados adequados comparados à versão original do instrumento.

Quadro 1 — Análise dos autores do instrumento após a etapa de Retrotradução

Original	Back translation	Comments
Date you completed the activity ___/___/___ Day / Month / Year	What is the date that the activity was accomplished? (Day/ Month/Year)	Parece avaliativo. Seria melhor dizer concluído, executado ou feito (tradução da pesquisadora)
Where did you do that activity? (Example: at the kitchen table in my house or at the YMCA)	Where did you do the activity? (For example: on your kitchen table at home or in a laser tag or sports program)	Os exemplos não devem ser alterados (tradução da pesquisadora)
I was in control (i.e. made decisions, in charge)	I was in control of the activity (that is, I made decisions, I was in control)	Redundante com a primeira parte desta resposta (tradução da pesquisadora)
I had a say in things	I had things to say	Não parece muito correto - a intenção é chegar até o ponto em que os jovens sentiram que tinham uma opinião / escolha (tradução da pesquisadora)
I got along with others	I got along well with others	Eu não acho que 'bem' deveria estar aqui (tradução da pesquisadora)
I didn't belong (i.e. I felt left out)	I didn't belong (I wasn't part of the group) I felt alone, abandoned, ignored	É uma expressão muito forte (tradução da pesquisadora)

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

As palavras grifadas apresentam como significado (tradução da pesquisadora): “accomplished” igual “efetuada”, “or in a laser tag or sports program” “ou em algum programa de lazer ou esportivo”, “I was in control” “Eu estava no controle”, “well” “bem”, “I felt alone, abandoned, ignored” “Me senti sozinho, abandonado, ignorado”. Todas as sugestões dos autores do SEAS foram acatadas e inseridas na versão retro traduzida (RT-1-2) e traduzida (T-1-2) sendo então elaboradas a versão traduzida pré-final 1 (VTPF1) e a versão

retro traduzida pré-final1 (VRTPF1), as quais foram enviadas aos integrantes do comitê de especialistas.

O comitê de especialista analisou as frases na equivalência semântica, idiomática, cultural e conceitual. Quanto à equivalência semântica 14 itens não alcançaram concordância de 80%, em relação ao significado das palavras, vocabulário e gramática. Quanto à equivalência idiomática, apenas 1 item apresentou-se abaixo do nível ideal de concordância (< 80%) e as dificuldades foram em traduzir expressões coloquiais de um determinado idioma. Já na equivalência cultural e conceitual a concordância foi acima de 80% em todos itens. O comitê técnico, a partir das sugestões apresentadas pelos especialistas nos 15 itens citados, realizou a reformulação dos mesmos, os quais foram encaminhados novamente para análise dos especialistas, que concordaram com as alterações. Após essa etapa, foi gerada a versão preliminar do SEAS (SEAS-preliminar) que foi enviada para o desdobramento cognitivo.

A versão preliminar (SEAS-preliminar) foi testada junto a 21 jovens na faixa etária entre 14 e 17 anos de ambos os sexos. Um grupo formado por 12 jovens com desenvolvimento típico e outro grupo formado 9 jovens com deficiência física.

Os resultados sinalizaram quanto à compreensão das perguntas que 76,2% dos jovens classificaram como ótima e 23,8% como boa e não houve nenhuma classificação regular, ruim ou péssima. Quando questionados sobre alguma palavra difícil de compreensão, 95,23% dos adolescentes sinalizaram que não houve nenhuma palavra e 4,76% sinalizou que sim, correspondendo a um adolescente do estudo, no qual se referiu sobre as palavras formal e informal, contudo, mencionou que quando foi dado o exemplo do que significava tipos de atividades formal e informal facilitou o entendimento.

Quando indagados sobre o tamanho do instrumento, 80,95% respondeu que tinha um bom tamanho, 4,76% que o instrumento

era curto, 9,52% que era longo e 4,76% muito longo. Quanto ao auxílio/ajuda que precisaram para responder as perguntas 61,90% responderam que foi fácil e entenderam todas as questões sem necessitar de auxílio e 38,09% como mais ou menos, mencionando que precisaram de ajuda em alguns momentos e na sugestão de melhora pontuaram que não havia nada a ser melhorado.

Dessa forma, considerando alta porcentagens nos itens avaliativos positivos, pode-se identificar que o questionário se apresentou no geral, adequado e de fácil compreensão na perspectiva dos jovens deste estudo.

Após a computação das respostas dos jovens, foram feitos dois ajustes, tais como trazer exemplos para o que significa atividade formal e informal, assim como modificar os exemplos no final do questionário quando perguntava se os jovens receberam ajuda para responder as perguntas, pois foi observado insegurança para responder essas questões. Estas alterações foram encaminhadas aos autores da versão original que concordaram com estes ajustes e, após isso, chegou-se à versão final (SEAS-Br).

---

## 4 Discussão

O estudo de desenvolvimento do SEAS consistiu em quatro fases: geração de itens com base em revisão da literatura e ferramentas de avaliação de participação existentes; consultas com especialistas; pré-teste com os adolescentes; e testes psicométricos. Participaram 45 jovens com idades entre 14 e 23 anos (10 com deficiências como a paralisia cerebral e a miopatia miotubular) e completaram o SEAS em 160 contextos de atividades de lazer, obtendo boa a excelente consistência interna e confiabilidade teste-reteste moderada (KING *et al.*, 2014a).

Os domínios do SEAS representam: 1) crescimento pessoal, 2) engajamento psicológico, 3) participação social, 4) interações significativas, 5) escolha e controle e as correlações entre eles variaram. A pontuação mais baixa foi entre as escalas de Crescimento pessoal e Escolha e Controle correspondendo a 0,04. Já a correlação de Crescimento pessoal com Engajamento Psicológico foi de 0,22, Pertencimento Social 0,15 e Interações significativas 0,05. Encontraram-se correlações estatisticamente significativas entre o Engajamento Psicológico e as demais escalas (0,60, 0,24 e 0,42) e entre a Escolha e Controle e todas as escalas (0,44 e 0,38), exceto o Crescimento Pessoal. No geral, os resultados foram moderados, com designações distintas, conforme o desejado e o alfa do Cronbach variaram de 0,71 a 0,88, indicando muito de boa a excelente confiabilidade interna (KING *et al.*, 2014a).

O processo de validação do SEAS para a população polonesa foi conduzido com 153 jovens com idade entre 10 e 22 anos, com alto grau de compreensão do instrumento, coeficiente alfa de Cronbach para todo o questionário de 0,953 e para os grupos de perguntas maiores ou iguais a 0,70, resultados semelhantes aos valores obtidos para este fator na versão em inglês do questionário (KULIS; BATOROWICZ; CHRABOTA, 2020).

O uso de instrumentos originalmente desenvolvidos em países anglo-saxões é comum em países que não falam inglês, entretanto, por terem sido produzidos em outros contextos, a adaptação à cultura do país a ser utilizado é essencial (CASTRO; DAHLIN-IVANOFF; MARTENSSON, 2017). A tradução de um instrumento desenvolvido em outro país é mais vantajoso que o desenvolvimento de um novo, por ser um procedimento mais rápido, além de propiciar uma medida equivalente possibilitando a descrição do mesmo fenômeno em diferentes culturas (BEATON *et al.*, 2000; WILD *et al.*, 2005; EPSTEIN *et al.*, 2015; COSTER; MANCINI, 2015).

A literatura reforça a importância desse processo com o objetivo potencial de melhorar a compreensão da versão traduzida e garantir a fidedignidade e a consistência das questões gramaticais e culturais aos profissionais que irão utilizar o modelo (BEATON *et al.*, 2000; WILD *et al.*, 2005). Embora esteja ocorrendo com maior frequência o processo de adaptação transcultural no Brasil, não existe consenso entre as recomendações e metodologias, no entanto, destaca-se um predomínio dos métodos apresentados pelo grupo de estudos de Beaton e colaboradores, na operacionalização deste processo (MACHADO *et al.*, 2018). No presente estudo optou-se por realizar os procedimentos de adaptação transcultural do SEAS de acordo com as diretrizes propostas por Beaton *et al.* (2000; 2007) e Wild *et al.* (2005), e demandou sete etapas que se mostraram ajustadas e produziram diálogos entre profissionais experientes, tanto na língua inglesa e portuguesa, quanto no campo da terapia ocupacional.

Os procedimentos de tradução, comitê técnico e síntese de tradução permitiu a solução de divergências quanto às equivalências semânticas (GUILLEMIN; BOMBARDIER; BEATON, 1993). Em seguida, os procedimentos de retrotradução, comitê técnico, síntese de tradução e avaliação dos autores da versão original, permitiram ajustes qualitativos ao processo de adaptação transcultural, a partir do diálogo com os autores da versão original.

A análise do comitê de especialistas verificou as Equivalências Semântica, Idiomática, Cultural e Conceitual como proposto por Beaton *et al.* (2000), Wild *et al.* (2005) e Pasquali (2009), obtendo bons índices de concordância e gerando a versão preliminar SEAS para a realização do desdobramento cognitivo junto à população alvo.

A análise do desdobramento cognitivo foi realizada com jovens de desenvolvimento típico ou com alguma deficiência física, metodologia semelhante aos estudos de validação do instrumento, desenvolvidos no Canadá (KING *et al.*, 2014a; KING *et al.*, 2014b). Quanto a faixa etária dos participantes de nosso estudo (14 a 17

anos) foi menos ampla se comparado ao estudo de King *et al.* (2014b) (16 a 22 anos) e de Kulis, Batorowicz e Chrabota (2020) (10 a 22 anos). Sendo que, embora nossa amostra seja reduzida e possa ser considerado uma limitação do estudo (21 jovens) ela foi quase o dobro do número de participantes no estudo de King *et al.*, 2014b (12 jovens).

O nível de compreensão das questões pela população alvo foi excelente, já que todos os participantes consideraram as questões de fácil entendimento, resultado semelhante ao estudo de Kulis, Batorowicz e Chrabota (2020) que desenvolveu os procedimentos de adaptação transcultural da SEAS para a população Polonesa.

---

## 5 Considerações Finais

A presente pesquisa ao cumprir seu objetivo de realizar a adaptação transcultural do instrumento *Self-reported Experiences of Activity Settings* (SEAS) para a população brasileira, disponibiliza a versão português (Brasil) para seu uso nos processos terapêuticos que envolvem jovens com ou sem deficiência. Desta forma, compreende-se que se trata de uma contribuição onde há possibilidade de conhecer os sentimentos e experiências de jovens, após a conclusão de determinada atividade, o que sem dúvida potencializa as avaliações e reavaliações nos processos terapêuticos-ocupacionais, a partir da perspectiva da própria pessoa. Kulis, Batorowicz e Chrabota (2020) destaca que por meio do questionário SEAS, crianças e jovens avaliam seus próprios sentimentos e experiências após a conclusão de determinada atividade.

O instrumento SEAS, ao ser traduzido transculturalmente para o Brasil foi encaminhado aos autores, Gillian, King; Beata Batorowicz; Patricia Rigby; Margot McMMain-Klein; Laura Thompson e Madhu Pinto, aos quais agradecemos a colaboração. Tendo cumprido os requisitos recomendados pela literatura para a adaptação

transcultural, disponibiliza-se a versão do SEAS, traduzida para o português do Brasil, a qual encontra-se em fase de análises psicométricas para o processo de validação desta versão.

---

## REFERÊNCIAS

AOA - AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Estrutura da prática da terapia ocupacional: Domínio e processo. *American Journal of Occupational Therapy*, Estados Unidos, v. 68, n. 1, p. 1-48, 2014. Acesso em: 4 jan. 2021.

BATOROWICZ, B. *et al.* An integrated model of social environment and social context for pediatric rehabilitation. *Disability and Rehabilitation*, Canada, v. 38, n. 12, p. 1204-1215, 2016.

BATOROWICZ, B. *et al.* Exploring Validation of a Graphic Symbol Questionnaire to Measure Participation Experiences of Youth in Activity Settings, Augmentative and Alternative Communication. *International Society for Augmentative and Alternative Communication*, Michigan, v. 33, n. 2, p. 97-109, 2017.

BEATON, E. D. *et al.* Guidelines for the Process of Cross-Cultural Adaptation of Self-Report Measures. *Spine*, United States, v. 25, n. 24, p. 3186-3191, 2000.

BRIGHT, F. A. S. *et al.* Uma revisão conceitual do engajamento em saúde e reabilitação. *Disability and Rehabilitation: An International, multidisciplinary journal*, London, v. 37, n. 8, p. 643-654, 2015.

CASTRO DE JONG, D.; DAHLIN-IVANOFF, S.; MARTENSSON, L. Test-retest reliability evaluation of the Escala de Conciencia Cultural para Estudiantes de Terapia Ocupacional en América Latina (ECCETO) Cultural Awareness Scale for Occupational Therapy Students in Latin America. *Brazilian Journal of Occupational Therapy*, v. 25, n. 1, p. 3-20, 2017.

COSTER, W. J; MANCINI, M. C. Recomendações para a tradução e adaptação transcultural de instrumentos para a pesquisa e a prática em Terapia Ocupacional. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 50-57, 2015.

EPSTEIN, J. *et al.* Cross-cultural adaptation of the Health Education Impact Questionnaire: experimental study showed expert committee, not back-translation, added value. *Journal of Clinical Epidemiology*, Paris, v. 68, n. 4, p. 360-369, 2015.

KENNEDY, J.; DAVIS, A. J. Clarifying the Construct of Occupational Engagement for Occupational Therapy Practice. *OTJR: Occupation, Participation and Health*, Thorofare, v. 37, n. 2, p. 98-108, 2017.

KIELHOFNER, G. O Modelo da Ocupação Humana. In: WILLARD, H. S.; SPACKMAN, C. S. *Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

KING, G.; RIGBY, P.; BATOROWICZ, B. Conceptualizing participation in context for children and youth with disabilities: an activity setting perspective. *Disabil Rehabil*, London, v. 35, n. 18, p. 1578-1585, 2013.

KING, G. *et al* . Development of a Measure to Assess Youth Self-reported Experiences of Activity Settings (SEAS). *International Journal of Disability Development and Education*, Australia, v. 61, n. 1, p. 44-66, 2014.

KING, G. *et al* . An integrated methods study of the experiences of youth with severe disabilities in leisure activity settings: the importance of belonging, fun, and control and choice. *Disabil Rehabil*, London, v. 36, n. 19, p. 1626-1635, 2014b.

KULIS, A.; BATOROWICZ, B.; CHRABOTA, U. Validation of the Polish version of the Self-reported Experiences of Activity Settings (SEAS) questionnaire. *Rehabilitacja Medyczna*, Poland, v. 23, n. 4, p. 4-9, 2020.

MACINTOSH, A. *et al* . A biofeedback-enhanced therapeutic exercise video game intervention for young people with cerebral palsy: A randomized single-case experimental design feasibility study. *PLoS One*, United States, v. 15, n. 6, p. 234-767, 2020.

POLATAJKO, H. Specifying the core domain of concern: Occupation as core. In: TOWNSEND, E. A.; POLATAJKO, H. J. *Enabling occupation II: Advancing an occupational therapy vision for health, well-being & justice through occupation*. Ottawa: CAOT Publications ACE, 2007. p. 13-36.

REICHENHEIM, E. M.; MORAES, L. C. Operacionalização de adaptação transcultural de instrumentos de aferição usados em epidemiologia. *Rev Saúde Pública*, v. 4, n. 4, p. 665-673, 2007.

WILCOCK, A. A theory of the human need for occupation. *Journal of Occupational Science*, London, v. 1, n. 1, p. 17-24, 1993.

WILD, D. *et al* . Principles of good practice for the translation and cultural adaptation process for Patient-Reported Outcomes (PRO) measures: report of the ISPOR task force for translation and cultural adaptation. *Value Health*, United States, v. 8, n. 2, p. 94-104, 2005.

